

## UM ESTUDO DOS MOVIMENTOS DIALÓGICOS DO GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA

**Lilian Cristina Buzato RITTER**  
(Universidade Estadual de Maringá)  
(PG-Universidade Estadual de Londrina)

**Alba Maria PERFEITO**  
(Universidade Estadual de Londrina)

**MOARA**

**RESUMO:** Este artigo expõe resultados parciais do projeto de pesquisa “Análise linguística: contextualização às práticas de leitura e de produção textual” (UEL), cujos dados são análises do gênero discursivo crônica, produzidas em contexto de formação continuada com professores do Ensino Médio, especificamente, crônicas de Moacyr Scliar. As bases teóricas estão ancoradas na noção bakhtiniana de dialogismo. Analiticamente, focalizamos a intersecção entre o material verbal e o social, estabelecendo o vínculo indissociável entre essas duas dimensões constitutivas do gênero. Por meio desse estudo, verificamos como as relações dialógicas, com os enunciados já-ditos e os pré-figurados colaboram na construção dos efeitos de sentidos das crônicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crônica; relações dialógicas; leitura/análise linguística.

**ABSTRACT:** This article aims at exposing partial results of the research project “Linguistic analysis: from contextualization to reading and writing practices” (UEL). The data consist of the analyses, developed with high school teachers in the context of continuous education, of the discursive genre chronicle, specifically the ones written by Moacyr Scliar. Theoretical assumptions are drawn from the bakhtinian notion of dialogism. Analytically, the intersection between the verbal and the social material was focalized, establishing an inseparable link between these two constitutive dimensions of the genre. Results show how the dialogic relations with the already-said and the pre-constructed statements collaborate with the construction of meaning effects in the chronicles.

**KEYWORDS:** Chronicle; dialogic relationships; reading/linguistic analyses.

## 1 INTRODUÇÃO

Há mais de duas décadas, pesquisadores da área da Linguística Aplicada dedicam-se para trabalhos voltados ao ensino da leitura, e com isso, já alicerçaram alguns avanços teórico-metodológicos, no que diz respeito à referida prática na concepção interacionista de linguagem.

Atualmente, também ancorados no percurso metodológico de pesquisa em Linguística Aplicada, estamos engajados no desenvolvimento do projeto de pesquisa “Análise linguística: contextualização às práticas de leitura e de produção textual” (UEL), que, de forma bem geral, objetiva atender a demanda por instrumentos de reflexão mais adequados ao estudo de práticas contextualizadas de ensino gramatical, investindo na formação contínua do professor, via diagnóstico e intervenção, por meio de reflexão prática-teoria-prática.

Em encontros realizados com nossos sujeitos de pesquisa, professores de língua portuguesa de ensino médio da rede pública paranaense de ensino, discutimos sobre as implicações teórico-metodológicas de se assumir os gêneros discursivos como eixo de articulação e de progressão curricular, enfatizando-se o ensino gramatical contextualizado às práticas de leitura e de produção textual. Ao corroborarem essa concepção teórico-metodológica, entenderam os gêneros discursivos como “instrumentos que fundam a possibilidade de comunicação” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 74). E, então, assentiram que, na escola, aos alunos deveria ser propiciado o aprendizado de gêneros discursivos existentes nas diferentes esferas de atividades da sociedade, no emprego da linguagem em diversas situações de uso, como uma forma de exercício de cidadania e, portanto, de ‘autonomização de níveis de operação de linguagem e possibilidades incrementadas de um controle crescente e voluntário.” (SCHNEUWLY, 2004, p. 36)

No transcorrer dessas reuniões, os professores mostraram-se interessados em elaborar um projeto didático de leitura e análise

linguística com o gênero discursivo crônica. Chegamos ao consenso, devido à amplitude do gênero, de delimitar o estudo com crônicas produzidas pelos autores Luís Fernando Verissimo e Moacyr Scliar, por suas produções serem conhecidas pelos alunos, já que muitas de suas crônicas circulam em materiais didáticos. Ademais, optamos por selecionar um *corpus* que circulasse em jornais, já que, na maioria das vezes, essa costuma ser a situação primeira de circulação do gênero dos autores em foco.

Anteriormente à etapa de elaboração desse projeto didático de leitura e análise linguística, em conjunto com os professores, analisamos as crônicas selecionadas. Portanto, nosso objetivo neste artigo limita-se à apresentação de uma dessas análises, especificamente, da crônica “O carro comestível”, de Moacyr Scliar, publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, em 18/05/2009. Faz-se necessário explicarmos que esse momento analítico com os professores transcorreu em encontros de grupo de estudo, os quais foram filmados por uma das autoras.

As bases teóricas para a análise do gênero crônica estão ancoradas nas noções bakhtinianas de gênero discursivo e de dialogismo, discutidas também em Rodrigues (2005). Quanto às estratégias metodológicas utilizadas, a análise baseou-se no método sociológico para o estudo do enunciado (BAKHTIN, 1992), considerando suas dimensões social e verbal. Dessa forma, em um momento inicial, o estudo realizado com os professores orientou-se para o contexto de produção (dimensão social) e posteriormente, focalizou os movimentos dialógicos estabelecidos com os discursos já-ditos (elos anteriores) e os pré-figurados (os elos posteriores) e suas relações com o conteúdo temático, as marcas de construção composicional e linguístico-enunciativas do gênero.

Organizamos o texto da maneira a seguir, com o intuito de apresentarmos a análise empreendida: primeiramente, discutimos sobre o caráter dialógico do enunciado, na visão de Bakhtin (1992); depois, propiciamos o estudo de algumas relações dessa perspectiva teórica com as práticas de leitura e de análise linguística; na sequência,

analisamos a crônica selecionada para o estudo, abordando suas dimensões social e verbal.

## 2 O CARÁTER DIALÓGICO DO ENUNCIADO

Bakhtin/Volochinov (1992, p. 123) argumenta que a língua é um signo ideológico, afirmando que:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Em um contexto específico de interação, a escolha dos recursos expressivos no processo de construção de um enunciado concreto se dá no rol de outros enunciados, determinados por suas esferas de comunicação. Nesse processo, também existe um movimento dialógico entre os interlocutores, porque ambos requerem a recepção/compreensão ativa dos enunciados.

E a alternância dos interlocutores delimita as fronteiras de cada enunciado, e as réplicas dos diálogos, no sentido amplo, são os fins e os inícios absolutos. Se toda enunciação é o produto da situação de interação de dois indivíduos socialmente organizados, esse interlocutor não pode ser entendido como mero ouvinte passivo, mas sim, como participante ativo da interação, uma vez que todo locutor espera dele uma resposta, uma compreensão responsiva. A essa atitude ativa do interlocutor Bakhtin chama de *responsividade*. Para Bakhtin/Volochinov (1992, p. 112), é necessário supor a existência de um “horizonte social definido e estabelecido, que determina a criação ideológica do grupo social a que pertencemos”. É por isso que se defende a ideia de não poder existir um interlocutor abstrato, já que o interlocutor ideal encontra-se inserido em um horizonte social definido.

O acabamento do enunciado concretiza-se no momento em que o locutor/autor disse/escreveu “tudo” o que queria ou podia, em determinadas condições. Por sua vez, o grau de acabamento de um enunciado que possibilita uma resposta, a compreensão responsiva, é determinado por três aspectos interdependentes: o tratamento exaustivo do tema; o querer dizer do locutor; as formas típicas de estruturação do gênero discursivo. Nesse sentido, a apreciação valorativa do locutor a respeito do tema e do(s) interlocutor(es) de seu discurso é que indica as diversas nuances ideológicas refratadas no tratamento dado ao tema, refletidas na escolha das formas e do estilo do enunciado.

A terceira particularidade do enunciado constitui-se no seu estado permanente de diálogo com outros enunciados (o já-dito), pois como elos da cadeia de comunicação, os enunciados refletem-se uns aos outros, reluzem matizes dialógicos, são sempre uma resposta a outros. Segundo Bakhtin/Volochinov (1992, p.98), “Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com ela, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as”.

As postulações bakhtinianas ancoram a definição do enunciado como a unidade real e concreta da língua, o evento discursivo único e dialógico, uma vez que todo enunciado é uma resposta ao que já foi dito e espera uma nova resposta.

Sob tal enfoque, a fim de se evitar o caos comunicativo, a sociedade “elabora tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2003, p. 262). Os gêneros discursivos funcionam como mediadores entre os interlocutores na situação de interação, e apresentam três dimensões indissolúveis e interdependentes: conteúdo temático, estilo e construção composicional – associadas às suas condições de produção.

Bakhtin (2003, p. 283) nos explica que quanto melhor dominamos os gêneros, melhor os empregamos, por meio de enunciados concretos:

Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (...). Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala.

Bakhtin vincula estreitamente a infinitude dos gêneros discursivos à infinitude das esferas (campos) de atividade humana, como espaços sociais ideologicamente conformados. O autor assinala ainda a existência de uma união orgânica e indissolúvel entre o estilo e o gênero: “Em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos” (BAKHTIN, 2003, p. 66).

Se comparados às formas da língua, os gêneros discursivos são mais flexíveis, plásticos, contudo, para o locutor eles têm um significado normativo, não são criados por ele, mas dados a ele. O locutor amplia, reestrutura, renova os gêneros à luz das suas necessidades sociais, individuais, enfim, às necessidades de adequação. À teoria de Bakhtin, é inerente o fato de que ao produzir um enunciado, o sujeito enunciativo faz uso de um gênero característico de um evento comunicativo.

### 3 IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS: A TEORIA BAKHTINIANA E O EIXO LEITURA/ ANÁLISE LINGÜÍSTICA

Na perspectiva teórica bakhtiniana, como já foi dito anteriormente, a compreensão não equivale ao reconhecimento da forma linguística, mas sim, à “interação dos significados das palavras

e seu conteúdo ideológico, não só do ponto de vista enunciativo, mas também do ponto de vista das condições de produção e da interação locutor/receptor” (RECHDAN, 2003, p.2).

Os documentos oficiais nacionais - no caso, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), doravante PCN - e o regional sobre política educacional - as Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Paraná (DCE) - estabelecem que na prática da leitura “(...) Trata-se de propiciar o desenvolvimento de uma atitude crítica que leva o aluno a perceber o sujeito presente nos textos e, ainda, a uma atitude responsiva diante deles” (PARANÁ, 2008, p. 71). Diante disso, podemos nos questionar sobre o que significa “perceber o sujeito presente no texto”? Para se compreender a implicação pedagógica desse objetivo, faz-se necessária a percepção do destinatário - para quem o texto foi produzido, a que sujeito social a palavra foi dirigida; é pensar sobre a “esfera real” na qual esse enunciado concreto está inserido. É saber que a palavra procede de alguém (locutor/falante/autor), contudo, esse locutor não é um “Adão mítico” (BAKHTIN, 2003, p. 300), que nomeia as coisas pela primeira vez. Somos sujeitos de uma relação sócio-histórica e se podemos pensar em “criação” na linguagem, é só pelo viés da resignificação à luz dos condicionamentos sociais.

Conforme Bakhtin (2003, p. 293), “(...) as palavras podem entrar no nosso discurso a partir de enunciações individuais alheias, mantendo em menor ou maior grau os tons e ecos dessas enunciações individuais”. Em função dessa característica “individual-contextual”, para o falante/locutor, a palavra existe em três aspectos: *como palavra da língua neutra*, a que não pertence a ninguém; *como palavra alheia dos outros*, a cheia de ecos de outros enunciados; *como a minha palavra*, a que está arraigada da minha expressão. Assim, podemos descobrir no enunciado as palavras do outro como palavras explícitas, ocultas ou semiocultas, com graus diferentes de alteridade.

É importante ressaltarmos a ideia de que, neste caso, a palavra atua como expressão de certa apreciação valorativa do locutor/autor. As relações sociais entre os parceiros de uma

interlocução são vistas a partir do foco da apreciação valorativa do locutor/autor, e são essas relações que determinam os aspectos temáticos, composicionais e estilísticos dos gêneros discursivos. Além disso, esses aspectos são determinados, sobretudo, pela especificidade de um determinado campo da comunicação (esferas de atividade humana).

Em contexto de ensino, portanto, as idéias bakhtinianas subsidiam o que está presente nos documentos oficiais sobre ensino de língua materna em relação à diversidade de gêneros. Como leitores /produtores de textos, os alunos estão imersos em práticas sociais e em atividades de linguagem letradas, pertencentes a diferentes situações comunicativas. Para agirem e interagirem nessas situações é necessário que saibam empregar adequadamente os gêneros discursivos. E aí, no eixo leitura/análise linguística, corroboramos Rojo (2005, p. 207):

(...) trata-se mais de despertar a réplica ativa e a flexibilidade dos sentidos na polissemia dos signos, que de ensinar o aluno a reconhecer, localizar e repetir os significados dos textos (...) parece-nos ser mais útil e necessário explorar com eles (alunos) as características das situações de enunciação – relacionadas às marcas linguísticas que deixam.

Contudo, muitas pesquisas em Linguística Aplicada apontam que, no geral, ainda não se consegue estabelecer em sala de aula, durante o processo de recepção de textos, uma atitude responsiva ativa, que culmine com a produção da contrapalavra. Na maioria das vezes, limita-se à reprodução, à extração das idéias dos textos. Para Bakhtin/Volochinov (1992, p. 99), essa é a falsa concepção da compreensão: quando nos posicionamos passivamente diante da palavra, conseqüentemente esse ato passivo é a “compreensão que exclui de antemão e por princípio qualquer réplica ativa”. Esse tipo de compreensão subsidia o estudo da língua “morta”, aquela que é desvinculada da sua esfera real, do “fluxo contínuo da comunicação verbal” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992, p. 107).

Na perspectiva dialógica bakhtiniana, podemos considerar que a prática da leitura se constitui em possíveis diálogos com o texto e, como tal, exige o reconhecimento do outro: “(...) porque lendo a palavra do outro, posso descobrir nela outras formas de pensar que, contrapostas às minhas, poderão me levar à construção de novas formas, e assim sucessivamente” (GERALDI, 1991, p. 171).

Dessa forma, no processo de recepção de textos, em sala de aula, o trabalho de análise linguística é essencial, visto ser por meio da seleção do gênero discursivo e conseqüentemente, da seleção da estrutura composicional, do léxico, das escolhas morfosintáticas, enfim, dos recursos linguístico-enunciativos veiculados, que se produzem ou co-produzem efeitos de sentido. Pelas escolhas linguísticas do locutor/autor podemos visualizar tanto os aspectos da situação enunciativa quanto, também, aspectos da subjetividade desse locutor/autor, que se revela e se mostra como sujeito. Portanto, consideramos, de acordo com Perfeito (2006), a não dicotomia entre as práticas de leitura e análise linguística, pois, ao se observar em um texto - de determinado gênero - a relação existente entre suas condições de produção, o tema, e a forma do arranjo composicional e das marcas linguístico-enunciativas, promove-se o processo de construção de sentidos.

Tal ótica concebe a leitura como instauradora de diálogos na dimensão espaço-temporal, propiciando diferentes formas de ver, de avaliar o mundo e de (re) conhecer o outro. Considera, ainda, o ato de ler uma transação entre a competência do leitor e a competência que o texto postula (ECO, 1993). Entende, em decorrência, que, embora o autor movimente recursos expressivos, na tentativa de interagir com o leitor, a efetivação da leitura depende de fatores linguísticos e não-linguísticos: o texto é uma potencialidade significativa, mas necessita da mobilização do universo de conhecimento do outro - o leitor - para ser atualizado. Nesse sentido, torna-se relevante atentar, conforme o próprio GERALDI (1991) e ECO (1993), entre outros, que um texto pode ter mais de uma leitura, mas isto não significa admitir todas, visto que, de acordo com GERALDI (1991), a leitura não deve ser

concebida como imanente (com sentidos fixos), mas também não deve ser vista apenas como confirmadora das hipóteses do leitor.

Consequentemente, o trabalho de co-produção de sentidos, por intermédio da recriação do que é omitido e dos implícitos, do preenchimento de incompletudes, é assentado na interação sujeito-leitor e texto, em suas várias possibilidades de interpretação. O leitor, desse modo, segundo Brandão (1997), situa-se entre o movimento de expansão e de filtragem de sentidos.

Nessa relação, consoante a autora, é criado um significado global do texto, que não é aquele intencionado pelo autor nem o do leitor, mas o resultante do *trabalho dialógico de ambos*. O processo de reconstrução textual é realizado porque o leitor mobiliza seus conhecimentos prévios (linguísticos, textuais e de mundo), em determinada situação de produção de leitura, preenchendo as lacunas textuais, via pistas interpretativas, deixadas pelo autor - o qual produziu seu texto também em determinado contexto de produção: com uma finalidade, em certa época, em certo local, em um suporte específico.

#### 4 A DIMENSÃO SOCIAL DAS CRÔNICAS DE MOACYR SCLiar

Rojó (2005, p. 199), ao explicar a ordem metodológica para o estudo da língua na abordagem sociológica bakhtiniana, defende que:

aqueles que adotam a perspectiva dos gêneros discursivos partirão sempre de uma análise em detalhe dos aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, privilegiando, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor - isto é, sua finalidade, mas também e principalmente sua apreciação valorativa sobre seu(s) interlocutor(es) e temas discursivos - e, a partir desta análise, buscarão as marcas linguísticas (formas do texto/enunciado e da língua) - composição e estilo que refletem, no enunciado/texto, esses aspectos da situação.

Em vista disso, podemos compreender que qualquer análise envolvendo os gêneros não pode preceder da análise das condições de produção, uma vez que o texto/enunciado concreto, na visão bakhtiniana, é composto de uma dimensão social e uma dimensão verbal, incluindo tempo e espaço históricos, os participantes da interação e a orientação valorativa.

Nesse sentido, destacamos o estudo de Rodrigues (2005). A autora, baseando-se no método sociológico para o estudo do enunciado (Bakhtin/Volochinov, 1992), propõe momentos diferenciados de análise para a interpretação do processo de constituição e de funcionamento do gênero. O primeiro consiste no estudo da sua esfera comunicativa, observando-se o modo de constituição e de funcionamento do gênero em estudo. O segundo momento centra-se no estudo do gênero em si, por meio da análise articulada de suas dimensões social e verbal.

Em função das especificidades de cada gênero discursivo, em nossa análise, adaptamos a metodologia proposta no estudo de Rodrigues (2005). Assim, nesse momento, juntamente com os professores do ensino médio, nos engajamos na análise dos aspectos sócio-históricos (dimensão social ou contexto de produção), em específico, das crônicas do nosso *corpus* de pesquisa.

Para desenvolver a análise da dimensão social da crônica, incluímos os seguintes aspectos: a relação entre a esfera jornalística e a crônica; o locutor, o interlocutor e suas apreciações valorativas (axiológicas) sobre o tema e a sua parceria, seus papéis sociais, suas relações hierárquicas e interpessoais; a vontade enunciativa do locutor.

Há teóricos que consideram a crônica como um gênero jornalístico, outros, um gênero literário. Diante dessa discussão teórica, os professores questionaram sobre a situação de produção de crônicas publicadas em coletâneas literárias. Sobre esse aspecto lembramos que esse espaço de circulação não é mais o jornalístico, e, por isso, nessa situação se aproxima mais da esfera literária. Myszak

e Teixeira (2008) assinalam que a crônica deixa de ser jornalística e se torna literária quando, ao sobreviver ao tempo, se torna atual mesmo anos mais tarde de sua publicação em jornais. Contudo, mesmo entendendo que o texto analisado situa-se na intersecção dos espaços sociais jornalístico-literário - conforme posteriormente explicitado -, ao tratarmos de crônicas de Moacyr Scliar que circularam no jornal *Folha de S.Paulo*, refletimos, prioritariamente, sobre algumas características da esfera comunicativa jornalística.

Bussarello (2004, p. 65) trata disso, ao fazer um panorama do modo de constituição e de funcionamento da comunicação jornalística em meio a nossa sociedade. Após discutir sobre alguns aspectos históricos da evolução desse tipo de prática social, afirma que “o jornalismo passa a ser, na era da globalização, mais um produto de consumo cuja ideologia serve ao capitalismo”. Nessa perspectiva, a função social do jornalismo dilui-se em meio ao caráter comercial assumido. Atualmente, diante do perfil comercial, ideológico e político da grande maioria dos jornais, a formação de leitores críticos não estaria garantida com o fato da leitura assídua de jornal, uma vez que esse leitor pode se tornar alienado por conhecer somente o que a ideologia defendida pelo jornal deseja que ele pense. Muito mais do que informação, a empresa jornal vende interesses ideológicos.

Como um bem de consumo de nossa sociedade capitalista, o jornalismo tem de desenvolver estratégias que garantam sua venda. Entre elas, Bussarello (2004, p. 67) comenta sobre a existência de certos gêneros jornalísticos, assim como na época dos folhetins, que garantem também o entretenimento, a diversão, necessários para a comercialização dos periódicos, e nessa linha de argumentação, conclui:

Essa interação com o leitor (que passa a ser também escritor) como mecanismo de persuasão para a venda do jornal pode representar, na pretensão de divertir, ou na despreensão aparente do discurso, uma abertura antes para a reflexão sobre a ideologia dominante do que para diversão.

Entre esses gêneros, a crônica cumpre com essa função jornalística de entretenimento, e é por isso que também apresenta uma natureza literária, pois o cronista recria o fato cotidiano por meio da leveza, da beleza, da poesia, da crítica, do humor. Como diz Costa (2008, p. 73), “É a literatura do jornal. O jornalismo da literatura. (...) É, pois, a expressão-literária da necessidade de não desistir de ser e sentir”. Assim, consideramos que esse caráter híbrido constitui um dos aspectos da dimensão social da crônica.

Após o levantamento que os professores realizaram sobre o espaço destinado às crônicas dentro dos jornais, observamos que há uma sistematicidade quanto a sua topografia, ou seja, ao seu lugar no interior do jornal. Percebemos que as crônicas de Moacyr Scliar ocupam um espaço do *Caderno Cotidiano*, destinado, pelo jornal, a gêneros de natureza diversa, importantes para o cotidiano do leitor, como por exemplo, dicas sobre o trânsito da cidade, notícias sobre problemas da cidade. Quanto ao espaço de publicação, localizam-se na parte superior da última página desse caderno, lugar de grande importância no jornal, por ser a parte da página que recebe primeiramente a atenção do leitor, de acordo com informações obtidas com profissionais do jornalismo. Tal localização garante às crônicas um *status* relevante quanto a sua capacidade de mobilização do leitor.

No que se refere à forma de apresentação, mantém-se sempre em destaque a identificação da autoria por meio de letras em “caixa-alta”, na parte superior central, acima do título da crônica, acompanhados de um trecho retirado da crônica, funcionando como o olho da crônica. Além disso, antes do início da crônica, sempre é especificado, em negrito e fonte menor, um fragmento de uma notícia, seguida da data e do caderno de onde a notícia foi publicada. Esses elementos configuracionais são constitutivos do gênero, porque indicam o lugar da sua ancoragem ideológica, delimitando a que parte do universo temático do jornalismo ele se refere, qual o seu horizonte temático, sua finalidade de interação.

Nessa seção *Cotidiano*, a crônica de Scliar ocupa o lugar de um gênero que historicamente tem seu horizonte temático e axiológico orientado para a manifestação da expressão valorativa a respeito de acontecimentos sociais do cotidiano, que, normalmente, são vistos como cenas corriqueiras. Os participantes da interação assumem e reconhecem esse trabalho criativo, ficcional e sensível do autor/locutor.

A crônica é redigida por um cronista convidado pelo jornal, que representa socialmente a figura de um escritor que fala sério brincando ou que brinca quando fala sério. A autoria não diz respeito à pessoa física, mas sim, a uma posição de autoria inscrita no próprio gênero. Logo, a concepção de autoria do gênero crônica está articulada à posição privilegiada que o autor/locutor ocupa tanto no cenário sociopolítico quanto no artístico-literário. Tratando-se da figura social de Moacyr Scliar, essa imagem é construída no cenário artístico-literário, onde ele é legitimado socialmente como um dos grandes expoentes da literatura nacional. No caso de nosso *corpus*, o lugar social que Scliar representa é a de um cronista que cria fatos ficcionais (crônicas narrativas) baseados em notícias publicadas no próprio jornal *Folha*.

Na crônica, o tom humorístico, irônico e despretensioso do autor/enunciador funciona como o lugar do estabelecimento e da ancoragem da entonação do gênero (um tom autorizado) e da sua atitude valorativa. Como sabemos, atrás da ironia existe um jogo político e ideológico onde se permite que as críticas sociais, as depreciações, as difamações sejam feitas sem causar muita tensão entre os interlocutores. Assim, podemos considerar que a finalidade discursiva se orienta para a reflexão do interlocutor.

O uso de tal estratégia discursiva institui, na situação de interação, um leitor que deve “des-cobrir” as surpresas presentes nos textos. Nessa direção, o interlocutor é o leitor da classe letrada, um público-alvo específico e reduzido, se levarmos em conta as condições financeiras da maioria da classe assalariada que não

apresenta recursos para a compra diária de jornais. Bussarello (2004, p.79), a esse respeito, argumenta que:

escreve-se para uma cultura letrada, por isso, o discurso irônico presente na despretensão pode ser muito mais sarcástico e mordaz que se dito com todas as palavras. Talvez justamente aí esteja a riqueza da crônica, porque trabalha essencialmente com a contrapalavra do interlocutor.

## 5 A DIMENSÃO VERBAL DAS CRÔNICAS DE MOACYR SCLiar

Ao focalizarmos analiticamente a dimensão verbal da crônica, temos como campo de análise a intersecção entre o material verbal e o social, estabelecendo o vínculo indissociável entre essas duas dimensões constitutivas do gênero. Assim, à luz da análise empreendida a respeito dos aspectos da dimensão social, focalizamos sua dimensão verbal, a fim de verificarmos como as relações dialógicas com os enunciados já-ditos (elos anteriores) e os pré-figurados (elos posteriores – relações dialógicas em razão do interlocutor) colaboram na construção dos efeitos de sentidos das crônicas. Para exemplificarmos o estudo da dimensão verbal, apresentamos a análise da crônica “O carro comestível”, publicada em 18/05/2009.

Muito produtivo para esse estudo, em termos metodológicos, são questões elaboradas por Rodrigues (2005), por nós adaptadas, que orientam a reflexão sobre alguns aspectos referentes a esse momento da análise: o que motiva o acontecimento dessa crônica, ou seja, ela é uma reação-resposta a quê, a quem?; como essa reação se manifesta na crônica?; em que lugar social o autor se posiciona?; o que ele diz?; qual sua orientação valorativa diante do que diz?; como e a partir de quem ele constrói sua orientação axiológica?; como o autor se orienta para e percebe o seu interlocutor e suas possíveis reações-respostas?; como tudo isso se inscreve materialmente na crônica? Foi, a partir dessas questões, que pesquisadora e docentes empreenderam a análise da crônica.

A emergência das crônicas de Scliar publicadas na *Folha* é motivada por notícias da atualidade (momento histórico vivido) que são enunciados discursivizados pela esfera jornalística, especificamente, pelo próprio jornal em questão. As notícias que servem de base para os textos do autor são configuradas em destaque, antes do início da narrativa, em pequenos fragmentos, parecendo recortes do cotidiano. As notícias relatam um fato recente que pode ser considerado inusitado ou até mesmo engraçado, mas, abordado de forma pouco aprofundada pelo jornal. Dessa maneira, a notícia é alçada pelo cronista como uma espécie de mote ou fonte de inspiração para a produção de suas crônicas.

Na crônica-exemplo, o autor/cronista parte da notícia de que britânicos inventaram um carro de corrida com chassi de batata e é movido a chocolate:

Britânicos fazem carro de corrida com chassi de batata e movido a chocolate. O carro, batizado de "WorldFirst" (O mundo em primeiro lugar, em tradução livre), tem parte do chassi feito a partir de amido de batata, usa biocombustível produzido à base de restos de chocolate e um volante feito com cenouras e outros vegetais. O carro é capaz de atingir uma velocidade de 200 km/h. "O WorldFirst descarta o mito de que a performance do carro é comprometida com o desenvolvimento de motores sustentáveis", afirma o coordenador do projeto, James Meredith. *Folha Online*.

De forma geral, a crônica "O carro comestível" é uma reação-resposta do cronista à notícia (um enunciado já-dito), cujo fato pode ser considerado um grande avanço para o mundo, pois alia tecnologia à preservação ambiental.

Após a notícia-base, inicia-se uma narrativa curta, ágil, com predomínio do discurso indireto, apresentando os elementos básicos da narrativa (fatos, personagens, tempo e lugar), organizados na estrutura básica da narrativa, apresentada no quadro abaixo:

Quadro 1. A estrutura composicional da crônica "O carro comestível"

Organização Estrutural	Texto
a) Um momento de harmonia em que as personagens são apresentadas em um tempo e espaço;	<p>Apresentado ao público inglês, o "WorldFirst" fez enorme sucesso. A mídia falava numa vitória da ecologia; e, como disse um líder do movimento ambiental, a partir de agora seria possível esperar uma verdadeira revolução na indústria automobilística, sabidamente uma das mais poluidoras do planeta e das mais resistentes à mudança.</p> <p>Efetuada as primeiras demonstrações em grandes cidades europeias um dos coordenadores do projeto ponderou que agora seria necessário levar o carro para regiões menos desenvolvidas do planeta.</p> <p>Afinal, pobreza e poluição não se excluem, e o "WorldFirst", por seus aspectos originais, poderia representar uma lição acerca de como preservar os recursos naturais sem abrir mão da tecnologia.</p> <p>Foi planejada, portanto, uma viagem pelo continente africano, com demonstrações em vários países. Um programa que duraria cerca de um mês, por causa das longas distâncias, mas que se iniciou muito bem; em todas as capitais em que foi exibido, o "WorldFirst" despertava assombro e admiração.</p>
b) Introdução do conflito e seu desdobramento;	<p>E aí, aconteceu o imprevisto.</p> <p>Em geral, nessas viagens, o carro era transportado por via aérea. Mas no interior da África, em regiões sem aeroporto, era preciso recorrer a um grande caminho para isso. Uma noite, ao transitar por uma esburacada estrada, o veículo enguiçou. Muito preocupada, a equipe encarregada do "WorldFirst" tratou de procurar socorro.</p> <p>A pouca distância dali havia uma aldeia, um lugar paupérrimo, situado no meio de uma zona desértica, na qual a fome era constante. Aos poucos os aldeões, figuras esqueléticas, foram se aproximando.</p>

	O intérprete explicou-lhes o que tinha acontecido, contou sobre o "WorldFirst", o carro feito de batata e legumes, e movido a chocolate; perguntou por um lugar em que pudessem guardá-lo. Os habitantes da aldeia mostraram uma grande choça, vazia. Para lá foi levado o original veículo. Cansada, a equipe acomodou-se no próprio caminhão e ali dormiu.
c) Um momento máximo de tensão (clímax);	De manhã, quando foram retirar o "WorldFirst" tiveram uma surpresa: o chassi e o volante tinham sumido por completo, o tanque de combustível estava vazio. Perguntaram aos aldeões; ninguém soube ou quis informar.
d) A resolução do conflito;	Quando estavam indo embora, levando o que sobrara do carro, uma mulher contou-lhes: no meio da noite, as crianças da aldeia, esfomeadas, tinham comido todo o chassi e o volante. Como sobremesa, haviam saboreado o chocolate do tanque. Nunca a nossa gente passou tão bem, disse, com um sorriso.
e) Comentário final.	O mundo avança. Mas não em velocidade de carro de corrida.

Pensando sobre as questões-norteadoras: o que motiva o acontecimento dessa crônica, isto é, ela é uma reação-resposta a quê, a quem; como essa reação se manifesta na crônica; em que lugar social o autor se posiciona; o que ele diz; qual sua orientação valorativa diante do que diz, estamos refletindo sobre as relações dialógicas que o cronista mantém com os enunciados já-ditos no processo de construção de sua apreciação valorativa. Em função desse aspecto, consideramos, na crônica em foco, o predomínio do movimento dialógico de distanciamento (RODRIGUES, 2005). O cronista apresenta uma apreciação valorativa negativa em relação a esse enunciado já-dito (a notícia), pois desqualifica a voz capitalista que permeia a notícia. Ele reage ironicamente, ao criar a situação em que o carro "WorldFirst" é comido pelas crianças esfomeadas, do interior da África.

As relações dialógicas manifestam-se não só no conteúdo temático, mas também no plano estilístico-composicional, por isso o uso da ironia, neste caso, como estratégia discursiva, não incide sobre um dito do autor, mas na criação da cena referida, perpassando por toda a crônica. Ainda observamos a ironia como marca da "heterogeneidade discursiva mostrada", que, segundo Maingueneau (1989, p. 98), "subverte a fronteira entre o que é assumido e o que não o é pelo locutor". O recurso coloca em cena um discurso outro, uma outra voz que se faz presente no enunciado, expressando um discurso contrário ao do sujeito enunciativo. Esta marca se materializa com o uso das aspas para citar o nome do carro. Muito mais do que uma questão gramatical, as aspas introduzem no enunciado tom irônico do cronista em relação ao significado do nome do carro, "o mundo em primeiro lugar".

Não nos esquecendo de que a orientação para os enunciados já-ditos e sua incorporação na crônica realiza-se também em função do interlocutor, ressaltamos que o cronista constrói seu acento de valor a partir de uma determinada imagem social de leitor/interlocutor. Desse modo, ele estabelece relações dialógicas com os enunciados pré-figurados pelo leitor (elos posteriores). Ao mobilizar o recurso discursivo da ironia, o cronista conta com um leitor capaz de reconstruir na sua reação-resposta os aspectos implícitos que constituem o fundo discursivo dialogizador da crônica, considerado de domínio do leitor.

Esse movimento dialógico pode ser denominado de ativação do conhecimento prévio (SILVA, 2008), em virtude de as informações implícitas serem ancoradas na situação social de interação, pois dependem do conhecimento de mundo do interlocutor. No caso da crônica em questão, o leitor precisa conhecer, por exemplo, de que forma os chamados países ricos propõem a discussão sobre a poluição e sua co-responsabilidade nesse processo histórico; como os países emergentes e pobres, como alguns do continente africano, se posicionam e são vistos nessa discussão.

A partir desses implícitos é que o leitor compreende o tom irônico dado à crônica, por exemplo, no momento em que o “WorldFirst” é devorado pelas crianças esfomeadas, do interior da África. A invenção britânica, que representaria um grande avanço tecnológico, deixa de existir por causa da fome que ainda mata pessoas no mundo, em outras palavras, ele foi literalmente devorado pelo terceiro mundo. Esse acento de valor também se matiza pelo uso do discurso indireto e indireto livre para representar socialmente as vozes de líderes ambientalistas e pesquisadores da indústria automobilística britânica. No trecho: “Afinal, pobreza e poluição não se excluem, (...)”, a voz que está imbricada com a do narrador é a de um dos coordenadores do projeto britânico, portanto, a ironia recai nesse enunciado, em virtude de países do primeiro mundo, como a Inglaterra, deverem assumir mais responsabilidades nesse processo de preservação do planeta.

Outro movimento dialógico com elos posteriores é o de engajamento (RODRIGUES, 2005), pois o cronista, em determinados momentos, coloca leitor e autor em uma mesma posição valorativa. Esse movimento manifesta-se em certos traços estilístico-composicionais, como, por exemplo, o verbo e o pronome na 1ª pessoa do plural; o uso do pronome indefinido “todos”; de perguntas retóricas; e de advérbios ou expressões adverbiais, observado em: “(...), *sabidamente* uma das mais poluidoras do planeta (...)”, ou seja, “como todos nós sabemos”.

Além das relações dialógicas de engajamento e de ativação de conhecimento prévio, percebemos, inclusive, o movimento de interpelação do leitor, na medida em que há o desejo de persuadi-lo a aderir a um ponto de vista. Nesta crônica, destacamos como característica estilístico-composicional do referido movimento dialógico a parte final do texto: “O mundo avança. Mas não em velocidade de carro de corrida”. Por meio desta estrutura composicional, o comentário final, o cronista impõe ao leitor a sua avaliação sobre o fato noticiado: a velocidade do avanço do Homem (a sua humanização) é lenta porque enquanto se investe em

pesquisas tecnológicas, há pessoas no mundo que ainda morrem de fome. Neste sentido, o uso do operador argumentativo “mas” e da negação, nesta parte estrutural do texto, arrematam o distanciamento do cronista em relação ao enunciado já-dito de que este tipo de pesquisa representa um grande avanço para o mundo.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do estudo realizado com os professores, conseguimos delimitar e caracterizar aspectos referentes ao funcionamento do gênero discursivo crônica, entre eles: a) o papel social assumido pelo cronista é o de fazer o leitor refletir, via leitura de entretenimento; b) o papel social do leitor, revelado discursivamente, é aquele que, por não se contentar apenas com a informação, quer sobre ela refletir, e, por isso, busca outras opiniões que dialoguem com as suas; c) as crônicas têm um público específico, determinado pelo enunciado, não só relativa a sua maior ou menor complexidade, mas, ainda, pelas temáticas variadas das quais tratam e que demandam tal diversidade de conhecimentos; d) o tom irônico e despretensioso do autor funciona como o lugar do estabelecimento e da ancoragem da entonação do gênero (um tom autorizado) e da sua atitude valorativa. Em consequência, o uso da ironia revela discursivamente uma atitude ousada do autor, uma vez ser símbolo do risco que ele se dispõe a correr na defesa de seus pontos de vista, ou ainda na intenção de despertar criticamente o leitor, prevendo um leitor não apenas desejoso de com ele interagir, mas suficientemente competente para fazê-lo.

O enfoque teórico bakhtiniano leva-nos a experienciar o ato de ler como uma ação de réplica ativa (ROJO, 2005), uma atitude de diálogo e não de subordinação frente ao texto. Assim, pela análise empreendida, verificamos que as relações dialógicas com outros enunciados (os já-ditos e os pré-figurados) colaboram na construção dos efeitos de sentidos das crônicas, compondo estratégias de valorações apreciativas nos textos. Entendemos, por

consequente, que o estudo das dimensões social e verbal do gênero em foco é condição necessária para a produção de sentidos do discurso materializado nos textos.

Dessa maneira, a análise de nível sociológico dos textos parece ser fundamental para um ensino que busca a formação de leitores críticos, porque acreditamos que por meio de atividades de leitura/análise linguística privilegiadoras do estudo das características das situações de enunciação relacionadas às marcas linguístico-enunciativas dos textos, as aulas de língua portuguesa podem vir a superar a “passividade diante da palavra”.

Reiteramos que as discussões presentes neste artigo são resultados parciais de um projeto de pesquisa, visto ser a partir dessa configuração social e verbal do gênero crônica que pretendemos desenvolver conjuntamente com os professores-sujeitos de nossa pesquisa uma proposta pedagógica de leitura/análise linguística para o ensino médio. E, nessa perspectiva, há a necessidade de abertura docente em termos de garantir, no espaço dialógico, como se imagina a sala de aula, que os alunos externem e confrontem suas leituras e de que o professor, como mediador entre sujeito e objeto de ensino-aprendizagem, busque observar suas caminhadas interpretativas. Inclusive, ao professor cabe procurar recompor a caminhada discente, (GERALDI, 1991), sobretudo, quando há insucesso de leitura - sempre levando em conta as condições de produção e de recepção de um texto de determinado gênero, no caso, a crônica.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: M. Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6.ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BRANDÃO, H. N. Escrita, leitura e dialogicidade. In: *Bakhtin, dialogismo e construção de sentidos*. Brait B. (org.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. p. 281-288.

- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BUSSARELLO, J.M. *O ensino/aprendizagem da produção textual escrita na perspectiva dos gêneros do discurso: a crônica*. 2004. 195 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Disponível: [http://aspro02.npd.ufsc.br/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024\\_1](http://aspro02.npd.ufsc.br/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1). Acesso em: 25 fev. 2008.
- COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 70-73.
- ECO, U. *Interpretação e sobreinterpretação*. Trad. de M. S. Pereira. Lisboa: Presença, 1993.
- GERALDI, J. W. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Língua Portuguesa*. Curitiba: SEED, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas, SP: Pontes e Editora da UNICAMP, 1989.
- MYSZAK, R.; TEIXEIRA, N. R. B. *A crônica de guerra de Rubem Braga*. In: Anais do II Congresso Nacional de Linguagens em Interação, Universidade Estadual de Maringá, 2008, p. 1839-1845.
- PERFEITO, A. M. Análise linguística e construção de sentidos. In: LIMOLI, L.; MENDONÇA, A. P. F. *In: Nas fronteiras da linguagem: leitura e produção de sentidos*. Londrina: Editorial Mídia, 2006, p.7-16.
- RECHDAN, M.L.A. *Dialogismo ou polifonia?* 2003. Disponível em: <http://www.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/dialogismo-N1-2003.pdf>. Acesso em: 15 set. 2009.
- RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem do Círculo de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.
- ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D.

(Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos e discurso: considerações psicológicas e ontológicas. In: Rojo, R.; Cordeiro, S. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 21- 39.

\_\_\_\_\_; DOLZ, J. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: *Gêneros do oral e do escrito na escola*. Rojo, R; Cordeiro, G. L. (orgs.). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 71-91.

SCLIAR, M. O carro comestível. *Folha de S. Paulo*. Caderno 2 Cotidiano. São Paulo, 18/maio/ 2009.

SILVA, J. C. da. *As relações dialógicas no gênero notícia*. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura, ano 4, n. 9, 18p., 2º semestre de 2008. Disponível em: <<http://www.letramagna.com>>. Acesso em: 20 maio 2009.